

Mangabeira Unger: 'Não dá para inferir nada nesse teatro da transição'

[estadao.com.br /politica/mangabeira-unger-nao-da-para-inferir-nada-nesse-teatro-da-transicao/](https://estadao.com.br/politica/mangabeira-unger-nao-da-para-inferir-nada-nesse-teatro-da-transicao/)

Pedro Venceslau



Foto: Antonio Cruz/Agência Brasil - 07/02/15

Publicidade



Por Pedro Venceslau
01/12/2022 | 20h00

Filósofo afirma que Lula ainda não é 'presidente efetivo' e que País está no 'abismo'; para ele, terceira obrigatoriedade do petista tem de ser diferente de gestões passadas

Por Pedro Venceslau
01/12/2022 | 20h00



O filósofo e ex-ministro **Roberto Mangabeira Unger**, 75, classificou o **governo de transição** do presidente eleito **Luiz Inácio Lula da Silva** (PT) como um “teatro” e defendeu uma inflexão no terceiro mandato do petista em relação aos dois primeiros governos – de 2003 a 2010 – na direção de uma agenda “produtivista”.

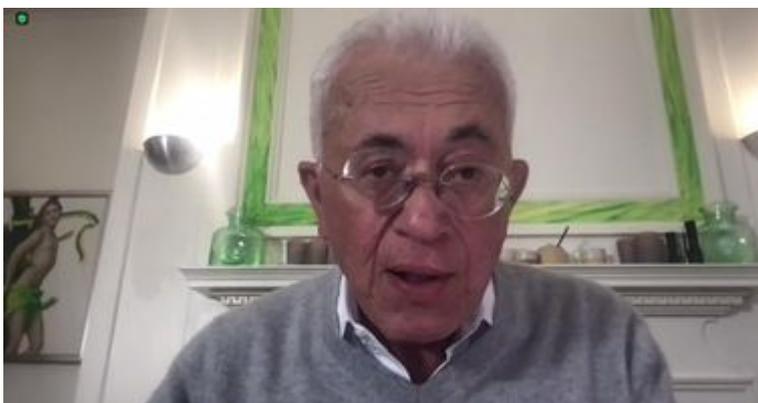
“Não dá para inferir nada nesse teatro da transição. O presidente eleito ainda não é o efetivo. As preocupações fundamentais são as mesmas. O Brasil está no abismo”, disse ele em entrevista ao **Estadão** .



[Leia também](#)

[Uma acomodação difícil](#)

Professor de **Harvard** (EUA), **Mangabeira** foi ministro da secretaria de Assuntos Estratégicos no primeiro mandato de Lula, mas se aproximou do ex-ministro **Ciro Gomes** (PDT), a quem apoiou no primeiro turno da eleição presidencial de 2022. No segundo, votou em Lula, manifestando suas “preocupações”.



Roberto Mangabeira Unger durante entrevista, por vídeo, ao 'Estadão'; o filósofo apoiou **Ciro Gomes** no primeiro turno e Lula, no segundo. Foto: Reprodução Estadão

Em entrevista ao **Estadão** , Mangabeira disse que vê semelhanças entre os governos petistas e do presidente **Jair Bolsonaro** (PL), que conseguiram, segundo ele, perpetuar o “pobrismo” aliado ao “fiscalismo financeiro”.

Abaixo, leia os principais trechos da entrevista:

O Sr. estava engajado na campanha do ex-ministro **Ciro Gomes no primeiro turno da eleição presidencial. Como se posicionou no segundo turno?**

Publicidade

Apoiei a eleição do Lula, mas manifestei minhas preocupações.

Como o sr. avaliou o posicionamento de **Ciro no segundo turno, quando ele seguiu a orientação do PDT, mas não fez campanha para Lula?**

Achei correto e coerente com a posição que ele assumiu ao longo de toda a campanha. Ciro sempre insistiu que não podia tratar Bolsonaro e Lula como iguais e que Lula era muito superior, mas também tinha várias críticas.

Como o sr. vê um governo de transição tão amplo e diverso?

Não dá para inferir nada nesse teatro da transição. O presidente eleito ainda não é o efetivo. As preocupações fundamentais são as mesmas. O Brasil está no abismo. O nosso problema essencial é a desqualificação do nosso aparato produtivo e de nossa gente. Nós involuímos gravemente. Viemos de várias décadas em que o projeto do governo, seja tucano, petista ou os que vieram depois, era combinar a distribuição de dinheiro aos pobres com gestos de genuflexão diante dos mercados financeiros na esperança vã de que a confiança traria investimento e crescimento. Não tivemos e não temos qualquer projeto produtivista no Brasil. Enquanto não vivermos, vamos continuar onde estamos.

O que espera do terceiro mandato de Lula?

Espero uma inflexão do caminho. Que surja um novo projeto capaz de levar ao desenvolvimento brasileiro. Esse projeto precisa superar a mediocridade e o primarismo produtivo e educacional. Estamos escondidos atrás do escudo das nossas facilidades naturais em um modelo baseado no divórcio entre a inteligência e a natureza. Espero que Lula não repita o que fez antes no primeiro e segundo mandatos. E que ele abrace a causa produtivista.

Continua após a publicidade

Espero que Lula não repita o que fez antes no primeiro e segundo mandatos. E que ele abrace a causa produtivista.”

Roberto Mangabeira Unger, filósofo

Na sua visão, o que Lula fez de errado nos dois primeiros mandatos?

Foram variantes do que prevaleceu antes. De um lado, atenuar o sofrimento dos pobres com esses programas de transferência (*de renda*) e, de outro, buscar a confiança dos mercados. Os jornais estão cheios desse discurso. Esse é o ideário que continua predominando no País: vamos acertar as contas e atenuar as dificuldades dos pobres distribuindo esmolas a eles. Nós mandamos para a **China** minério de ferro e soja não transformados e confortáveis de volta todos os produtos do engenho humano. Isso é um desastre e o retrato do que viemos a ser. Espero que o novo governo Lula entenda isso.

O Sr. é crítico aos programas de transferência de renda?

Os programas de download se justificam como elemento acessório ao lado de um projeto destinado a desenvolver nossas capacitações produtivas e educacionais. Os programas não são justificados para substituir o que não temos. Não podem ocupar o primeiro plano. Falta o principal: nossas capacitações.

Governo de Transição

O presidente eleito Lula deu sinais trocados na área econômica ao chamar Persio Arida e Guido Mantega para a transição? O que espera do próximo governo nesse campo?

Continua após a publicidade

Não faço previsão. Seria uma insanidade. O que tenho é uma ameaça programática sobre o rumor que deve ser tomado. Há necessidade de um salto em relação ao que ocorreu no passado. O debate brasileiro está dominado pela combinação do fiscalismo financeiro com o pobrismo, que é essa distribuição dos excedentes gerados aos pobres. O financismo fiscalista é uma ideia insana de que, ao acertar as contas dos Estados e conquistar a confiança dos mercados financeiros, provocamos o desenvolvimento. Nenhum país se desenvolveu assim. Aquilo que eufemisticamente se chamou de mercados são os bancos. Temos um desconforto econômico no qual a hegemonia foi exercida pelo rentismo financeiro é atenuada pelo pobrismo.

Que legado Bolsonaro deixou nesses 4 anos de governo?

O mesmo legado do populismo de direita em geral. Um grande vazio. Foi uma variante da mesma coisa que estou descrevendo: uma política econômica pautada pela pseudo-ortodoxia do mercado financeiro e afrouxada no final pelo desejo de fazer transferências aos pobres. É a mesma combinação viciosa de financismo e pobrismo. Entraram todos os outros elementos, como a guerra cultural como uma forma invertida da política identitária da esquerda. Nesse período tivemos uma americanização do Brasil.

O Sr. vê semelhanças entre os governos Lula, Dilma e Bolsonaro?

O governo Bolsonaro foi uma variante do mesmo ideário hegemônico no Brasil deste meio século. Foi a mesma combinação de fiscalismo financeiro e pobrismo. Bolsonaro descobriu que era muito fácil imitar os programas populares. Bastava dobrar, colocar mais dinheiro em cima. Só precisava afrouxar o rigor fiscalista para poder fazer isso. Ele entrou numa guerra de símbolos com a cultura da esquerda americanizada no Brasil. Pegou a cultura identitária e inverteu. Tudo isso é um desvio.

Bolsonaro descobriu que era muito fácil imitar os programas populares. Bastava dobrar, colocar mais dinheiro em cima. Ele entrou numa guerra de símbolos com a cultura da esquerda americanizada no Brasil. Pegou a cultura identitária e inverteu.”

Roberto Mangabeira Unger, filósofo

Apoiadores do presidente Bolsonaro que contestam o resultado da eleição estão acampados na frente dos quartéis . Esse tipo de protesto veio pra ficar?

Esse populismo não tem um verdadeiro projeto institucional ou estratégico. Ele ocupou esse vazio que foi criado pelos governadores tucanos e petistas, que perpetuam o vazio. Esse populismo deixou muitos paradoxos. Por exemplo: em um governo cheio de

militares, a Defesa do Brasil foi adiada.



Watch Video At: <https://youtu.be/ZIVW-erBPbY>



Comentários



Os comentários são exclusivos para assinantes do Estadão.



[Já sou Assinante >](#)